

Frei Luís de Sousa
de Almeida Garrett

Sistematização
por Francisco Girbal Eiras

1) Resumo Sintético

O *Frei Luís de Sousa* é um **drama** (considerado também pelo autor uma **tragédia antiga**, *ver mais à frente*). Como drama que é está escrito em **prosa** e aborda muitos temas relacionados ao **romantismo**. Desenrola-se em três actos, divididos em cenas (cada acto muda o cenário; cada cena muda as personagens).

1.1) Primeiro acto - decorre no palácio de D. Manuel de Sousa Coutinho

- O ambiente leve e exótico revela o estado de espírito da família (feliz no geral);
- Inicia-se um acto com um excerto d'*Os Lusíadas*, mas precisamente o excerto de Inês de Castro, em que afirma que o amor cega e condena a alma ao sofrimento; este excerto é lido por **D. Madalena de Vilhena**, mulher de Manuel de Sousa Coutinho;
- **Telmo**, o fiel escudeiro da família, entra em cena e ambos discutem sobre **Maria**, filha de D. Madalena e Manuel de Sousa Coutinho;
- Os medos de D. Madalena em relação ao regresso do ex-marido (**D. João de Portugal**, que nunca regressou da batalha de Alcácer-Quibir) reflectem-se na protecção da sua filha em relação ao **Sebastianismo** (se D. Sebastião voltasse, o seu ex-marido também podia), um tema na altura muito discutido;
- Maria é considerada muito **frágil** (doente; possui tuberculose não diagnosticada), e Telmo, que já fora escudeiro de D. João, incentiva-a a acreditar no Sebastianismo, o que ela abraça fortemente apesar do o desaprovar sua mãe;
- Por fim chega com **D. Manuel**, um cavaleiro da nobreza, que informa as personagens da necessidade de movimentação daquela casa, porque os “governantes” (na altura Portugal estava sob o domínio espanhol) viriam e desejavam instalar-se em sua casa;
- O acto acaba com D. Manuel a incendiar a sua própria casa, como símbolo de patriotismo, incendiando também um retrato seu (simboliza o **início da destruição da família**), movendo-se a família para o palácio de D. João de Portugal (apesar dos **agouros de D. Madalena**).

1.2) Segundo Acto - decorre no palácio de D. João de Portugal

- O ambiente fechado, sem janelas, com os quadros grandes das figuras de D. João, Camões e D. Sebastião revelam uma presença indesejada e uma família mais abatida (algo está para vir);
- D. Madalena apresenta-se muito fraca; com a chegada de D. Manuel (que teve de fugir devido à afronta aos governantes) e a indicação de que estes o tinham

perdoado, D. Madalena fica mais descansada, mas ao saber por **Frei Jorge**, um frei do convento dos Domínicos, que este terá que partir para Lisboa para se apresentar, fica de novo desassossegada;

- D. Manuel parte para Lisboa na companhia de Maria e Telmo, deixando em casa D. Madalena e Frei Jorge;
- Aparece um **Romeiro** que não se quer identificar ao princípio, mas dá indícios de ser D. João de Portugal, que voltaria exactamente 21 anos depois da batalha de Alcácer-Quibir (7 para procurar o corpo + 14 casamento de D. Madalena e D. Manuel);

1.3) Terceiro Acto - decorre na parte baixa do palácio de D. João de Portugal

- Um ambiente muito fechado, representando a falta de saída da família que, caso o romeiro fosse D. João, estaria perante um casamento (D. Madalena e D. Manuel) e uma filha (D. Maria) ilegítimos (a morte era a única forma de “divórcio”);
- O Romeiro encontra-se a sós com Telmo (que entretanto volta com Maria e D. Manuel) e este imediatamente reconhece o antigo amo, mas a sua lealdade não é certa (entre D. João e Maria, a sua nova ama apesar de ter criado ambos); o Romeiro pede-lhe que minta por ele, que diga que é um impostor, que **salve a família** (momento em que a audiência acredita que possa haver salvação);
- Telmo vai pedir conselhos a Frei Jorge, que lhe diz que, se tem a certeza ser D. João, a verdade não deve ser escondida (mostra uma faceta obediente e inflexível desta personagem)
- Por fim, não tendo outra salvação, Maria morre de desgosto (de ser filha ilegítima; de tuberculose) e os pais (D. Madalena e D. Manuel) vão para um convento (a **religião** como consolação), tornando-se D. Manuel, Frei Luís de Sousa.

2) Temas de *Frei Luís de Sousa*

- **Amor** - como algo que cega; impossível de se sair feliz do amor; perceptível da primeira cena; e ainda o amor entre Telmo e Maria e D. João, na fidelidade do escudeiro fiel;
- **Religião** - apresenta-se como uma consolação, salvação; existem outros exemplos (como a soror Joana) que incitam a audiência a acreditar no final trágico da história;
- **Sebastianismo** - o culto, quase religião, do mito sebastianismo, neste drama anunciado pelas bocas de Telmo e Maria, contra a vontade de D. Madalena;

- **Patriotismo** - espelhado nas personagens de D. Manuel (“Há de saber-se que ainda há um português em Portugal”) e D. João de Portugal (que lutou pelo país ao lado do jovem rei);
- **Liberdade Individual** - principalmente na personagem de D. Manuel, esta característica romântica (do período romântico) pode ser encontrada nas suas acções como o facto de ter incendiado a sua própria casa, não subversivo ao regime da época; independentemente do plano político ou social, o homem faz o que deseja, toma as suas próprias decisões.

3) Caracterização das Personagens

Personagem	Socialmente	Psicologicamente
D. Madalena de Vilhena	Nobre, pertence à nobreza	Muito instável; com “agouros”; muito sentimental; sempre com medo do passado.
D. Manuel de Sousa Coutinho	Nobre, cavaleiro de Malta	Tenta ser racional, no entanto mostra desagrado em relação ao Sebastianismo; bom marido e pai; corajoso.
D. João de Portugal	Alta Nobreza, pertencia ao círculo mais próximo do rei	Corajoso (em partir com o rei); ligado a D. Sebastião; compreensivo (quando apresentado ao problema da família).
D. Maria de Noronha	Nobreza, filha de pais nobres	Sangue de “Vilhenas” e de “Sousas”; muito frágil e instável; representa uma faceta Sebastianista; uma mulher “anjo” (na perspectiva romântica); inteligente.

Personagem	Socialmente	Psicologicamente
Telmo Pais	Escudeiro de famílias poderosas	Sebastianista (até compreender o que significa para Maria); estabelece o elo entre as famílias (é o escudeiro de ambas e confidente).

4) Estrutura interna e externa da obra

A obra *Frei Luís de Sousa*, em termos de estrutura **externa** está dividida em três actos (I, II e III; à semelhança dos dramas românticos, *ver mais à frente*) e em cenas dentro dos actos.

Quanto à estrutura **interna** da obra dividimo-la em **Exposição** (acto I, cena I - acto 1 cena IV), **Conflito** (acto I cena V - acto III cena IX) e **Desenlace** (acto III cena X - acto III cena XII).

5) O Romantismo vs. Tragédia Clássica

Na obra *Frei Luís de Sousa*, segundo indicado pelo próprio autor em *Memória ao Conservatório Real*, existem dois estilos facilmente identificáveis que convergem, o **romantismo**, do que são característicos os “dramas”, que se opõe ao realismo; e a **tragédia clássica**, que é trazida deste o tempo dos gregos, cuja principal característica se prende no facto de, sobre alguém que não tem culpa (não fez nada) cair uma tragédia (desgraça) de forma a que o público sinta o efeito de *catarse* (*ver mais à frente*).

5.1) Características Românticas na obra

- Escrito em **prosa**;
- Dividido em três actos (I, II e III);
- Presença (e exaltação) de **sentimentos fortes** nas personagens;
- Exaltação do **patriotismo**, presente principalmente em D. Manuel e D. João;
- Personagens “anjo”, especialmente em Maria (inteligente, perfeição);
- A morte de Maria em palco;
- A religião como consolo.

5.2) Características da Tragédia Clássica na obra

- A família condenada apesar de não ter culpa;

- O erro de D. Manuel e D. Madalena em casar (sem saber se D. João estava morto), que se chama *Hybris*;
- A *catarse* no fim, ou seja, a sensação da audiência que a sua vida pessoal não é tão má assim;
- Os ambientes que mudam o estado de espírito que uma forma um tanto subtil;
- Poucos **espaços e personagens**;
- Os conflitos interiores de Madalena e Telmo, que se chama *agón*;
- O reconhecimento de D. João de Portugal no Romeiro, que se chama *anagnórisis*;
- O aparecimento de D. João e as suas consequências (casamento e filha ilegítimos), a que se chama *peripécia*;
- O *clímax*, quando se reconhece o Romeiro (que também corresponde à *anagnórisis*);
- O sofrimento das personagens ou o *pathos*, muito evidente em D. Madalena;
- A *catástrofe*, que é a dissolução da família e a morte de Maria.

6) A Linguagem na obra

A linguagem em *Frei Luís de Sousa* é no geral cuidada, encontramos léxico erudito, repleto de recursos estilísticos, interjeições e actos ilocutórios expressivos. A presença de muitas **reticências** representa algo mau, algo de que a personagem tem medo, com que esta está inquietada. As **frases curtas** conferem um tom **incisivo** nas partes em que são usadas. As **repetições** são muito frequentes e representam ansiedade, inquietação ou afecto, dependendo de quem as profere.